

História Oral com espíritos? A construção de narrativas visionárias e hermesianas na pós-modernidade

Adilson Marques

Doutor em Antropologia das Organizações e Educação pela USP
asamar_sc@hotmail.com

Resumo: O interesse em utilizar os recursos da História Oral para entrevistar “espíritos” surgiu em meados de 2001 quando conheci a chamada “comunicação mediúnica” ou “intercâmbio com os seres incorpóreos”, e se concretizou em 2005 quando descobri algo extraordinário do ponto de vista antropológico e sócio-cultural: um “preto-velho”, ou seja, um “espírito” que, supostamente, costuma se manifestar e atender consulentes nos chamados “terreiros de umbanda”, fazendo palestras públicas pela *Internet* e respondendo questões dos internautas sobre as epístolas do apóstolo Paulo, as lições de Krishna para Arjuna, os Sutas budistas, a Oração de São Francisco etc. No mesmo ano entrei em contato com o *médium* para saber da possibilidade de entrevistar “pai Joaquim de Aruanda”. Com sua resposta afirmativa, organizei entre os anos de 2005 e 2007, oito entrevistas com o “espírito”, na cidade de São Carlos/SP. Todas foram gravadas em vídeo, totalizando cerca de 28 horas de gravação, sendo boa parte do material sobre a Umbanda, religião medianímica em que os “pretos-velhos” se manifestam.

Palavras-chave: História Oral, espíritos, Pai Joaquim de Aruanda, pretos-velhos, mediunidade.

Introdução

Atualmente, quando se reivindica que as novas tecnologias sejam usadas para o desfrute de todos e não só de uma minoria e o respeito à diversidade é uma exigência de qualquer projeto democrático, parece elucidativo para simbolizar esse momento, encontrar um “preto-velho”, ou seja, um “espírito” que costuma ser estigmatizado e proibido de se manifestar nas chamadas “mesas kardecistas”¹ realizando palestras semanais pela *internet*, reunindo pessoas que vivem em várias partes da Terra (no Brasil, nos EUA, em Portugal e até no Japão) para possibilitar, gratuitamente, uma singular forma pós-moderna de animagogia, ou seja, de educação espiritualista para aqueles que acompanham² e seguem os seus ensinamentos.

A manifestação espiritual de Pai Joaquim de Aruanda, que é muito criticada por vários adeptos do espiritismo, nos ajudou a compreender um fato significativo: o fosso que existe entre os textos kardequianos, ou seja, escritos por Allan Kardec, e os textos de seus seguidores, os “kardecistas”. Em nenhum de seus livros Kardec afirma ter criado uma nova religião e sua preocupação concentra-se em estudar sistematicamente as diferentes formas de intercâmbio com os “espíritos”, o que denomina como “manifestações espíritas”. Nesse sentido, ao ler seus estudos espiritualistas notamos que muito mais do que criar uma nova doutrina religiosa, Kardec estabeleceu um método para entrevistar “espíritos”, definindo um roteiro para conduzir as reuniões mediúnicas voltadas para estudos com os chamados “seres incorpóreos”.

Em suma, defendemos a tese de que ele criou o que poderíamos chamar de História Oral com os “espíritos” ou a Espiritologia. FERREIRA (1994), MONTENEGRO (1992), BOM MEIHY (1996) e tantos outros historiadores, antropólogos e comunicadores sociais vêm se debruçando sobre essa técnica de pesquisa qualitativa, mas, em nenhum momento, se aperceberam que, se é verdade que os “espíritos” existem, obviamente que poderiam ser entrevistados, como fez Kardec no século XIX.

¹ No meio kardecista brasileiro acredita-se que “índios” e “pretos-velhos” são espíritos “inferiores”, “primitivos” e “selvagens” e que devem ser proibidos de se manifestarem nos chamados “centros espíritas” ou, então, “doutrinados”.

² Anualmente, no mês de dezembro, seguidores dos ensinamentos do “espírito” em questão se reúnem em uma cidade brasileira para discutir e difundir a psicossófia transmitida por ele. Em 2009, o encontro foi na cidade de Uberlândia/MG.

Entre os anos de 2005 e 2007 realizei oito entrevistas com o “espírito”, através da mediunidade de Firmino José Leite. Todas elas foram gravadas em vídeo e boa parte desse material já está disponível para consulta na Internet, no seguinte endereço:

<http://www.youtube.com.br/homospiritualis>. Disponibilizei vídeos que mostram o momento da incorporação (transe mediúnicos), que até dezembro de 2009 já havia sido assistido por mais de 80 mil pessoas, as respostas do “espírito” aos nossos questionamentos etc. É importante salientar que o médium, ao voltar do transe, afirma não ter nenhuma noção do tempo em que ficou “ausente” e não tem nenhuma idéia do que o “espírito” falou durante a entrevista. Segundo alguns estudiosos dos fenômenos mediúnicos, Firmino José Leite seria um exemplo típico de “médium inconsciente”.

Apesar das fortes evidências que nos levam a acreditar na existência da realidade espiritual, este trabalho não pretende discutir se Pai Joaquim de Aruanda é um *espírito* que faz palestras através de um *médium* ou se suas falas são elaboradas pelo subconsciente do próprio médium. Também não nos interessa discutir se o fenômeno da mediunidade é uma prova da existência da vida após a morte ou se não passa de alguma “patologia mental”, como ainda acreditam alguns psiquiatras ou as expressões de um pretense “inconsciente coletivo”, como dizem alguns pesquisadores junguianos.

É importante ressaltar que diferentes pesquisadores já aceitam a existência de uma dimensão espiritual e abordam a mediunidade com naturalidade. É o caso dos físicos LESHAN (1994) e GOSWAMI (2005) e do psicólogo GROF (1994). Porém, nesse momento, nossa preocupação é refletir sobre a possibilidade de entrevistar “espíritos”, iniciando este trabalho com um ser que se identifica como Pai Joaquim de Aruanda, “autor” de uma já significativa literatura animagógica, disponível gratuitamente na *internet* na forma de arquivos de som e de texto, que alimenta e é alimentada pelo imaginário humano, pois, como já afirmou Gilbert DURAND (1997), o imaginário surge da necessidade do *sapiens* em encontrar uma forma de superar a angústia originária, ou seja, a consciência da morte e do tempo que passa. E, não é à toa, a relação vida humanizada/imortalidade da alma costuma ser o tema central da Psicossófia transmitida por Pai Joaquim de Aruanda em suas palestras públicas.

Fundamentando a Espiritologia ou a História Oral com os espíritos

Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, é sem dúvida o criador da História Oral com os espíritos. Segundo ele, o espiritismo surgiu para ser uma ciência capaz de estudar, em tese, a vida ativa após a morte e a relação do mundo espiritual com o material, tendo como heurística básica a fenomenologia mediúnica, ou seja, a entrevista com os “espíritos”, supostamente, as almas dos mortos que se manifestariam através dos médiuns.

Ou seja, o espiritismo, conforme a definição kardequiana, é um importante e ainda atual método de pesquisa para se estudar todos e quaisquer fenômenos sociais ou metafísicos e não uma doutrina religiosa. Em outras palavras, seria uma ciência experimental ou de observação que deriva, obviamente, em uma filosofia de cunho moral que o próprio Kardec afirma não ser nova, pois tal filosofia se encontra dispersa através dos ensinamentos dos principais mestres espiritualistas da humanidade, no Ocidente e no Oriente.

Em suma, o espiritismo kardequiano tem duas faces: a científica e a filosófica. Sua obra que, no Brasil, se transformou em religião, forneceu os instrumentos para que pesquisas sobre quaisquer assuntos fossem realizadas junto aos “espíritos”. Qualquer pessoa liberta de preconceitos pode constatar que Kardec possuía, como já salientamos, uma mentalidade científica. Seu objetivo era o de estudar todos os fatos sociais e metafísicos através da consulta aos “espíritos”, mesmo afirmando que estes não sabiam tudo.

Porém, para se compreender o alcance e o uso da História Oral como recurso para a coleta de dados, independentemente de estarmos diante de um narrador encarnado ou desencarnado, é importante lembrarmos algumas reflexões sobre o valor da narrativa, segundo BENJAMIM. Em *“O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”*, ele valorizou a narração como um processo de aprendizagem para o que narra e para quem escuta. Porém, ele acreditava que esta era uma arte em vias de extinção nos mundos tecnológicos. Provavelmente, ele nunca imaginou que os “espíritos”, sobretudo, os “pretos-velhos”, usariam a tecnologia para narrar seus “causos”. É importante salientar que os “pretos-velhos”, ao contrário dos “espíritos” filósofos ou literatos não escrevem, ou seja, não “psicografam”. Os “pretos-velhos” apenas utilizam a narrativa oral, através de seus respectivos médiuns, para se comunicar com os “vivos”.

BENJAMIN identificou dois grupos de narradores: os que viajam e os que conhecem profundamente as histórias e as tradições de seu país. Estamos, agora, diante de um terceiro

grupo: o dos “espíritos” que narram suas experiências na Terra, em outros orbes e no plano invisível. Tanto o ser incorpóreo que se manifesta através de médiuns, como os representantes dos dois grupos anteriores, “*é um homem que sabe dar conselhos*” (BENJAMIN, 1985: 200).

Porém, ao contrário de BENJAMIN que acreditava que a morte seria um momento público na vida do indivíduo e a experiência última para a qual converge a arte de viver, ao se entrevistar “espíritos” descobrimos a consciência da infinitude. Nas narrativas dos “espíritos” a morte não passa de uma mudança de dimensões, como acontece ao se acordar de um sonho. A história de vida de um “morto” é povoada de informações desconcertantes que transcendem nossa imaginação cartesiana. Porém, ela também é passível de uma interpretação, pois, apesar de não ter um corpo físico, seu raciocínio ou pensamento é humano, logo, se aceitarmos que o imaginário é um sistema dinâmico e organizador de imagens, mediatizando a relação do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo, é possível encontrar as raízes imaginárias do discurso de um suposto ser incorpóreo que se manifesta através de um médium.

No caso de nosso entrevistado, é possível identificar um discurso espiritualista anárquico. A imagem transgressora e a ironia de Pai Joaquim de Aruanda estão mais de acordo com as representações do imaginário sócio-cultural contemporâneo. Não é à toa que seus críticos o chamam de “zombeteiro”, “mistificador”, “espírito inferior” etc. Sua imagem transgressora não se coaduna com o “bom comportamento” e com a seriedade acéptica do espiritismo kardecista.

E este fato demonstra como os paradigmas e o imaginário fazem parte de uma mesma bacia semântica, ou seja, formam um conjunto homogêneo de representações que religa as teorias científicas, a estética, os gêneros literários, as mentalidades e as visões de mundo e, porque não, as revelações espiritualistas. O discurso doutrinário do espiritismo faz parte da bacia semântica da modernidade e não consegue dela se afastar. Daí os seus esquemas verbais predominantes serem os mesmos do Iluminismo: ação, mudança, transformação...

Pai Joaquim de Aruanda, ao contrário, contextualiza em suas palestras e entrevistas um outro mundo imaginário coerente, dotado de temáticas redundantes, mas com situações actanciais diferentes daquela predominante no espiritismo. No discurso de Pai Joaquim predomina o “unir” e não o “separar” presente no ideograma da “pureza doutrinária” kardecista. O ecletismo de Pai Joaquim, fundindo em uma única doutrina espiritualista

ensinamentos de Buda, Krishna, Jesus, Paulo de Tarso, Tomé etc. está intimamente relacionado com o pós-modernismo e ao mito de Hermes, o psicopompo deus do Olimpo.

E, da mesma forma que a psicossófia de Emmanuel, André Luiz e outros “espíritos espíritas” exercem significativa influência no cenário espiritualista brasileiro, mobilizando mentes e corações, o mesmo começa a acontecer com o discurso espiritualista de Pai Joaquim de Aruanda, difundido gratuitamente através da *internet*, graças ao trabalho abnegado de seus seguidores, durante toda a primeira década do século XXI.

O imaginário constitutivo em sua relação com o absoluto (*religiosus*) foi objeto de estudo de importantes pesquisadores, entre eles, Georges DUMÉZIL, Mircea ELIADE e Henry CORBIN. Em seu *Tratado da história das religiões*, ELIADE demonstrou que todas as religiões apresentam uma rede de imagens simbólicas coligadas em mitos e ritos capazes de revelar uma trans-história na qual o tempo profano é substituído pelo *illud tempus*.

Henry CORBIN propôs o termo imaginal (*imaginatio vera*) para compreender a faculdade humana de atingir um universo espiritual, uma realidade divina. Em minha opinião, o transe mediúnico está associado diretamente com essa faculdade, permitindo, assim, uma ampliação de consciência por parte do *médium* para que acesse o mundo numinoso e, conseqüentemente, seja capaz de elaborar *narrativas visionárias*, que chamaremos também de Psicossófia.

Entrevistar “espíritos”, como é o caso de nossa pesquisa, exige um tipo especial de imaginação que DURAND chamou de “imaginação criadora”. É ela que permitirá ao ser contemplativo, por exemplo, acessar o *mundus imaginalis* destas narrativas mediúnicas.

A Psicossófia de Pai Joaquim de Aruanda apresenta para o leitor uma *anima*-lógica que transcende a lógica clássica ou a dialética materialista, obviamente. Porém, se a alogia do mito ou do sonho costuma ser classificada como algo “pré-lógico”, as narrativas mediúnicas nos colocam diante do que vou chamar provisoriamente de “translogia”, cuja compreensão exige uma abertura e uma flexibilidade mental raras no mundo contemporâneo. Sem ela não é possível compreender as narrativas *visionárias* presente em seus ensinamentos espiritualistas, capazes de nos remeter a uma *santidade* inefável.

Como foi salientado, este estudo não tem a pretensão de validar ou não os chamados fenômenos mediúnicos. Aqui não importa se o conteúdo narrativo foi criado por um “espírito” (desencarnado, ser incorpóreo) ou se, como afirmam médicos e psiquiatras modernos, trata-se da manifestação do próprio inconsciente (ou subconsciente) do médium.

Assim, se o que Pai Joaquim de Aruanda descreve ou discute é “real”, só teremos como saber após a nossa própria morte. No momento, suas imagens valem pelas flores que cultivam, enriquecendo sobremaneira a imaginação hermesiana de quem acessa as entrevistas, abrindo uma nova porta de reflexão animagógica e, quem sabe, *mitopoiética*.

E como a sócio-antropologia do cotidiano define este como sendo o fruto da dialética entre a rotina e o acontecimento, como é possível estudá-lo deixando de lado acontecimentos tão singulares como a pré-cognição, os casos de *poltergeist*, a clarividência, a psicografia, a “comunicação com os mortos” etc.? O fenômeno mediúnico é algo universal, registrado ao longo da história, nas mais diferentes culturas e nas mais diversas religiões. Inclusive a Bíblia apresenta um singular encontro entre o rei Saul e o “espírito” de Samuel através de uma pitonisa.

Como já foi salientado, em nossa pesquisa não vamos nos adentrar na explicação da mediunidade. Porém, temos que convir que não é mais possível ignorar a presença deste fenômeno no estudo da vida cotidiana (aliás, em muitos casos, ela deixa de ser acontecimento para ser parte da rotina de muitos cidadãos, independentemente de seus valores culturais ou religiosos, de seu poder aquisitivo ou grau de instrução).

Apresentando o entrevistado

E quem é Pai Joaquim de Aruanda? Para se estudar a obra ou entrevistar alguém é necessário saber quem ele é. Por se tratar de um “ser incorpóreo” que se manifesta através de uma postura simbólica de “preto-velho”, temos que nos basear em suas próprias palavras. Raramente, ele fala de suas vidas passadas. O que foi possível apurar é que ele “foi”, em sua última existência na Terra, supostamente um escravo no Brasil. Porém, segundo afirmou em uma outra entrevista, já foi mãe “umas duzentas vezes” na Terra e, em outra ocasião, questionado sobre o livro Eclesiastes, afirmou que estava encarnado no período em que o livro foi escrito e que viu Salomão o escrevendo, confirmando que este foi realmente o autor daquele texto bíblico. Esses são os únicos dados sobre sua bio-história. A seguir, o “espírito” nos responde sobre o personagem Pai Joaquim de Aruanda, que ele diz representar, mas não fala nada sobre ele, o “espírito”. A linguagem do “espírito” foi adaptada ao português formal, porém, nos vídeos é possível analisar as idiosincrasias e os trejeitos típicos do personagem “preto-velho” que ele diz representar:

Pergunta – Quem é pai Joaquim de Aruanda?

Resposta - É um personagem que um espírito utiliza para realizar seu trabalho espiritual na seara do Cristo. Não existe um espírito chamado Pai Joaquim, mas vários espíritos podem trabalhar com esse personagem que tem uma forma específica de atuação ou missão na Umbanda. Essas denominações são como as “franquias” da Terra. Na minha última encarnação na Terra eu vivenciei o papel de escravo, mas nem todos os espíritos que se manifestam como pretos-velhos, na Umbanda, necessariamente foram escravos na Terra.

Para criar o personagem preto-velho existe algo como um programa de computador ligando o espírito comunicante ao médium. Eu, o espírito, não sou torto e nem falo errado. Mas é esse programa que faz com que o médium fique todo encurvadinho e comece a falar errado.

2 – Mas para que o espírito precisa fazer isso?

Resposta - O espírito não precisa disso, mas o encarnado. Todo o teatrinho é para o encarnado e não para o espírito. Se o médium não mudasse a voz, a postura etc., muitos não acreditariam que estavam diante de um espírito. Muitos ainda precisam desse teatrinho para se convencer da realidade espiritual.

3 – E os orixás? Eles são espíritos?

Resposta - Na Umbanda, os orixás representam as energias universais. São sete vibrações energéticas que recebem diferentes denominações, como Yemanjá, Oxalá, entre outras. Mas não existe um espírito chamado Yemanjá. Esse é o nome da energia.

O trabalhador espiritual da Umbanda, e não importa se ele está usando a postura de preto-velho, índio, criança ou exu, utilizará a energia que o consulente necessita naquele momento. Se ele precisa da energia Yemanjá, é essa energia que eu vou usar, pois ela possui a vibração necessária para o problema dele, mas eu não invoco um espírito que tenha esse nome. Enquanto concebermos um espírito como Yemanjá, estaremos criando idolatria. Por isso, Oxalá é uma energia e não Deus ou Jesus. Mas existe uma falange de espíritos que trabalha com essa faixa de energia. Ela é a energia mais pura dentro da Umbanda.

Apesar de muitos espiritistas e até mesmo umbandistas considerarem a manifestação de Pai Joaquim de Aruanda uma forma “errada” de comunicação mediúnica, por usar a *internet* e abordar assuntos não usuais como os ensinamentos de outras doutrinas, como as de

Buda, Krhisna e outros, é preciso salientar que para o estudioso dos fenômenos humanos, o importante é considerar todas as formas possíveis de se relacionar com o mundo espiritual, compreendendo o dinamismo de suas próprias configurações psico-espaciais e funcionais. Elas são diferentes, obviamente, mas não existe como definir cientificamente qual é a certa e quais são as erradas. Cabe ao estudioso dos fenômenos antropológicos, espirituais e religiosos estudar e compreendê-las e não fazer proselitismo.

Segundo o próprio “espírito”, ele já atuou na Umbanda, atendendo consulentes, mas, há cerca de 11 anos (1998), recebeu uma outra “missão”, a de trazer para a Terra uma nova doutrina: O “espiritualismo ecumênico universal”. Ele afirma que neste novo trabalho usa exclusivamente o médium Firmino José Leite.

Como não escreve, o “espírito” faz palestras em vários centros espiritualistas e também pela *internet*. As gravações de seus áudios e transcrições de suas falas, gradativamente, são espalhadas em sites de relacionamento, de discussão, em *blogs* etc. tanto pelo médium como por seguidores dos ensinamentos de Pai Joaquim de Aruanda. Este já tem seguidores no Japão, na Europa e nos EUA, além de diferentes grupos organizados em várias cidades brasileiras, graças ao poder de comunicação instantânea possibilitado pela rede mundial de computadores.

Seus ensinamentos não são facilmente aceitos por muitos espiritualistas, sobretudo por aqueles que acreditam que temos livre-arbítrio nos atos. Segundo Pai Joaquim, nosso livre-arbítrio após a encarnação está na atitude, entendida aqui como ação sentimental ou interior. O livre-arbítrio não se encontraria na criação dos fatos materiais. O mundo material, além de ilusório, seria criado por Deus, através de 12 falanges de “espíritos”, ele afirma. Para muitos espiritistas, esse ensinamento comprovaria que pai Joaquim não passaria de um “espírito inferior” ou “zombeteiro”, pois se trataria de um “ensinamento não-racional, sem comprovação científica”.

Na minha opinião, ao contrário, se trata sim de um ensinamento racional, sobretudo se pensarmos que a matéria não possui substancialidade, como afirma hoje em dia a Física Quântica, reproduzindo a psicofia de mestres orientais como Buda, Krishna e Lao Tsé. Ela pode não se coadunar com a Física newtoniana com a qual estamos acostumados a pensar o funcionamento da natureza.

Ainda em sua narrativa sobre o livre-arbítrio, ele afirma que cada um só “recebe o que necessita e merece” e que “não é possível que alguém interfira na encarnação do outro”. Ou seja, aquele que nos fere ou ofende foi apenas o escolhido para ser o instrumento de uma determinada ação carmática que precisaríamos vivenciar. O mesmo aconteceria quando passamos por uma vicissitude positiva.

Abaixo transcrevo a resposta do espírito ao questionamento sobre as posturas simbólicas que os “espíritos” adotam na Umbanda. É uma longa citação, mas importante para compreender o seu pensamento. O interessado também pode assistir a esse comentário de Pai Joaquim de Aruanda no youtube, no canal anteriormente citado.

Vamos agora falar sobre as posturas simbólicas. Preto-velho, Índio, Criança e Exu, entre outras, são apenas posturas ou, em outras palavras, dramatizações para estimular no ego humanizado algumas essências espirituais.

Para representar o papel Preto-Velho ou outro, existe algo similar a um programa de computador que irá gerar a forma, a linguagem e o jeito de se manifestar do espírito. Ou seja, enquanto os presentes enxergam o médium encurvado, falando errado, tomando café etc., o espírito comunicante está ao lado falando normalmente, transmitindo as informações que necessita passar sem se sentir Preto-Velho. É esse “programa” que cria a ilusão Preto-Velho.

O mundo humanizado em que vocês vivem é uma grande dramatização. É um teatro no qual o que importa é a essência e não a aparência. E cada postura, ou seja, cada Preto-Velho, cada Índio, cada Criança etc. tem uma essência espiritual para trabalhar com o consulente. Por exemplo, índio Tupinambá é um “programa” para fortalecer no consulente a coragem para enfrentar os desafios financeiros.

E o mesmo espírito pode se manifestar como índio Tupinambá e, em seguida, com uma postura diferente. Ele pode vir como Preto-Velho e, no mesmo trabalho, manifestar-se, posteriormente, como Índio ou como Exu. Ou seja, o espírito pode ser sempre o mesmo, mas o consulente, o ser humanizado, acreditará que está diante de uma outra “entidade”, pois está vendo uma postura diferente.

E por que isso é necessário? Para que o problema do consulente seja abordado de uma outra forma, com outro tipo de energia.

Em suma, podemos dizer que a essência de cada uma das principais posturas adotadas na Umbanda é a seguinte:

Preto-velho: objetiva transmitir sabedoria de vida (experiência) e humildade. A forma encurvada e a fala mansa trazem uma sensação de se estar diante de alguém que já viveu muito e que saberia como consolar ou orientar alguém perdido, que não encontra saída para seus problemas na vida humanizada.

Índio: objetiva transmitir coragem, a confiança necessária para “guerrear”. Daí a necessidade de, quando o médium incorpora um espírito com tal postura, ficar de pé, bater no peito e gritar. Com algumas exceções, a expressão do Índio é sempre séria. O espírito quando se utiliza dessa postura transmite a valentia para lutar com a vida, ou seja, para passar com coragem pelas vicissitudes geradas pelo gênero de provas escolhido pelo próprio consulente antes de encarnar. Por isso, o Índio não transmite sabedoria, mas a coragem que o consulente necessita naquele momento de sua existência.

Criança: objetiva transmitir a felicidade incondicional. Disse Jesus: “vinde a mim as criancinhas”, “ninguém entrará no reino dos céus se não for como criança”. Ou seja, só se entra no reino dos céus ou se livra das encarnações no mundo de provas e expiações quem aprende a ser feliz incondicionalmente. Quem passa pelas vicissitudes da vida humanizada feliz, ou seja, não vive as angústias e as dores do seu personagem, está pronto para habitar os mundos regenerados. É por isso que mesmo o espírito que se manifesta como uma Criança emburrada no trabalho mediúnico estimula alegria no consulente.

Exu: e o temido Exu? O que significa essa postura? O Exu representa o próprio ser humanizado (egoísta, interesseiro, orgulhoso etc.) A postura Exu é a sombra do próprio consulente. E por que essa postura causa medo? Porque é como se estivéssemos diante do espelho, vendo o que somos, na essência.

Nós gostamos de falar do argueiro no olho do outro, mas nunca observamos a trave que carregamos no olho. O Exu, com sua linguagem direta e forma de se manifestar, nos mostra quem realmente somos.

E quem disse que o kardecismo não tem essa representação, essa encenação? (respondendo a uma pergunta de um participante) Não se vê médico, filósofo, padre etc. nas mesas kardecistas? O espírito não é médico, mas toma uma postura de médico se ele vai fazer uma cirurgia espiritual. Assim como tomará a forma de um padre se ele vai transmitir

uma mensagem de cunho moral, e assim por diante. Em resumo, acontece o mesmo no trabalho kardecista. A essência espiritual é a mesma em qualquer trabalho espiritual.

E isso vale para qualquer religião, mesmo para aquelas que não acreditam na mediunidade. Por isso, o vidente católico verá um espírito com asas dentro da igreja e achará que é um anjo; e o evangélico, o “espírito santo”. Ou seja, tudo isso é criado porque o ser humanizado está preso ao ego, ao mundo das formas, aos dogmas de sua doutrina.

Podemos constatar que o discurso do “espírito” é hermesiano. Toda essa representação que o “espírito” afirma existir na Umbanda nos coloca diante da imaginação e dos simbolismos hermesianos. Ao contrário de seu irmão Apolo que assim que nasce enfrenta e mata a serpente Píton, considerada um símbolo da imaginação e do irracionalismo, Hermes, quando criança, ressuscita um dragão morto e lhe dá asas. O dragão também simboliza a imaginação.

Também podemos notar que cada uma das formas simbólicas dominantes na Umbanda (preto-velho, criança e índio) pode também ser associado a uma das estruturas do imaginário definidas por Gilbert DURAND. Por exemplo, a postura criança reflete o imaginário místico. Trabalha com energias que fortalecem a esperança, a felicidade e o amor. Já o índio, com sua postura ereta (é o único “espírito” entre os três que fica em pé e anda pelo terreiro), representa a estrutura heróica. Sua fala mais agressiva serve para trazer coragem para o consulente. Por fim, o preto-velho representa a estrutura dramática, é o símbolo da sabedoria, daquele que harmoniza e inclui os dois arquétipos anteriores.

É o preto-velho que dá os conselhos para o consulente se integrar melhor com sua vida humanizada, compreendendo o seu “carma” e aceitando os desígnios de Deus. Daí Pai Joaquim de Aruanda afirmar que, dependendo do problema do consulente, uma ou outra postura se faz necessária. Como Hermes, esse é o deus/persona mais amigo dos mortais.

Outro ensinamento polêmico é sobre a vida em outros planetas. Ele afirma que há vida em todos os orbes, mas não da forma como conhecemos aqui na Terra. Por estar em outra dimensão, não enxergamos a vida em Marte ou na Lua, porém, os habitantes destes orbes podem nos ver e andar entre nós sem que os percebamos. Ele afirma ainda que os habitantes da Lua deram “tchauzinho” para os astronautas da Terra, sem que estes tomassem consciência que estavam sendo observados.

E para pai Joaquim de Aruanda, a única coisa que precisamos fazer na Terra é mudar a nossa consciência. Este processo metanóico é o que nos libertaria do egoísmo e nos possibilitaria viver nossa aventura encarnatória apenas com o sentimento amoroso, pois os nossos atos já estariam todos pré-definidos. Sua psicossófia, neste aspecto, também difere da “reforma íntima”, outro ideologema espiritualista. Para Pai Joaquim toda mudança é interior e não de atos ou ações materiais, já que estes são criados por Deus. Caridade, para ele, não é ação material (dar comida ou roupa, cortar cabelo etc.), mas espiritual. É perdoar, ser benevolente e indulgente. Em suma, podemos notar em seu discurso espiritualista a imagem de uma “dominação determinista e tranquilizadora das caprichosas fatalidades do devir”, que, segundo DURAND, está associada ao imaginário dramático, em suma a um imaginário hermesiano.

Porém, existindo ou não a matéria, existindo ou não o livre-arbítrio, o importante é que o fenômeno mediúnico e a Psicossófia de pai Joaquim de Aruanda está disponível para quem quiser estudar. Se as informações que o médium em transe transmite provêm de um espírito ou não, é algo que cada um deve julgar. Mas é evidente que, neste caso, o médium se identifica com uma outra pessoa distinta daquela que forma sua própria identidade, um fato psico-sócio-antropológico que por si só mereceria um estudo sistemático, com os seus reflexos arquetípicos e simbólicos sobre o corpo e a voz do médium.

Optamos por dar voz a esse “preto-velho”, porém, os ensinamentos transmitidos por “espíritos”, seja por meio da psicografia ou através de palestras, como é o caso de Pai Joaquim de Aruanda, cresce de forma significativa. Temos grupos que se orientam pelos ensinamentos de André Luiz e Emmanuel, “espíritos” psicografados por Chico Xavier; grupos que seguem a psicossófia de Ramatís, psicografada por Hercílio Maes e outros médiuns, assim como seguidores de Joanna de Angelis, Hammed e tantos outros “espíritos”. Porém, apesar de todas as psicossófias acima serem obtidas por meio da mediunidade, é importante salientar que todas possuem sua dinâmica sócio-psíquica-organizacional ancorada em uma matriz imaginária.

No caso da psicossófia de Pai Joaquim de Aruanda, as imagens levantadas em seu discurso parecem mergulhadas na bacia semântica da pós-modernidade. A imagem de Pai Joaquim de Aruanda, quando se manifesta mediunicamente através do médium Firmino José Leite não deixa de ser carismática. Seus seguidores se identificam fortemente com ele e com o seu discurso mobilizador e doutrinário. Sua psicossófia é religiosa e mítica ao mesmo tempo.

Pai Joaquim de Aruanda é chamado, sobretudo por evangélicos que assistem aos vídeos na *internet* de ser diabólico. Porém, uma coisa é certa: Pai Joaquim de Aruanda não é um ser diabólico. E por que não? Porque a expressão diabólica vem do grego *dia-bállein* que significa o que desagrega, o que desune, o que separa e opõe. Nada disso acontece em seus ensinamentos, pois eles se recriam constantemente através de um processo paradoxal que podemos chamar de “ecletismo criativo” que integra as filosofias orientais, o espiritismo e os ensinamentos de Jesus, Paulo de Tarso e outros expoentes do cristianismo.

Assim, ao contrário de diabólica, pelo seu caráter universalista e facilidade que tem de integrar diversas forças espirituais, re-unindo diferentes psicofias em um único feixe de Luz, a obra medianímica de Pai Joaquim de Aruanda é extremamente *simbólica*.

Lembremos que “simbólico” em grego significa reunir, convergir as diferenças etc. Nesse sentido, ele é um ser simbólico e nada diabólico.

Algumas conclusões

Os ensinamentos transmitidos pelos “espíritos”, ou na forma de psicografia (a base da literatura mediúnica) ou de palestras como as realizadas por pai Joaquim de Aruanda um dia merecerão o respeito que possui, ainda hoje, a chamada literatura dos viajantes.

Quase quinhentos anos separam estes dois estilos literários. Porém, ambas marcam importantes transições na história da humanidade: a literatura dos viajantes é fruto do renascimento, fenômeno histórico que separa a idade média, um período dominado pelo fanatismo e pela intolerância, da idade moderna, que marcou a história da humanidade com uma profunda renovação moral, intelectual e científica.

Encontramos a mesma analogia no caso da literatura mediúnica, fenômeno que se intensificou no final do século XIX, alcançando seu ápice em meados do século XX, tendo na figura do médium brasileiro Francisco Candido Xavier, vulgo Chico Xavier, um dos seus mais significativos expoentes e que, no século XXI, se manifesta através da *internet*, como no caso de pai Joaquim de Aruanda. Como se fosse uma espécie de Hermes da pós-modernidade, os médiuns cedem suas mãos e mentes para que diferentes seres incorpóreos escrevam ou falem sobre poesia, filosofia, e até escrevam livros científicos e religiosos sobre a relação

profunda que há entre o mundo invisível dos “espíritos” e o chamado mundo material que vivenciamos através dos cinco sentidos.

Enfim, cada literatura teve um papel bem definido. A literatura dos viajantes foi importante para que o humanismo florescesse na Terra. Por sua vez, a literatura mediúnica vem ajudar no florescimento do espiritualismo. Curiosamente, a primeira levou o ser humano a deixar de ser um mero observador da natureza para se tornar um inquiridor, estabelecendo um diálogo, nem sempre pacífico, com a natureza e com as coisas que a envolvem. E, a segunda, fez com que esse mesmo ser humano deixasse de ser um mero inquiridor da matéria para desconstruí-la, dialogando com o mundo sub-atômico ou energético das coisas materiais, valorizando todo o potencial mental do espírito encarnado e desencarnado.

A literatura dos viajantes é fruto da mundialização do planeta ocorrida no século XVI e a literatura mediúnica é contemporânea da globalização. A primeira se beneficiou com a tipografia de Gutemberg e a segunda se popularizou graças a revolução informática.

E um dia a humanidade vai compreender que da mesma forma que a obra de Leonardo da Vinci foi de fundamental importância para que hoje fossemos capazes de dominar a anatomia do corpo, a fenomenal obra mediúnica produzida por Chico Xavier e de outros médiuns será de fundamental importância para o estudo da anatomia da alma.

Assim, se alguns séculos atrás o mundo se encantava e se assombrava com as descrições do novo mundo feitas por escritores com Jean de Lery, André Thevet, Hans Staden e outros viajantes que para as Américas se conduziram, não tardará o dia em que as descrições dos diferentes planos espirituais realizadas por “espíritos” como André Luiz, Ramatis, Pai Joaquim de Aruanda e tantos outros vão ser exaustivamente estudadas nas academias da Terra por aqueles que admiram o valor dessas narrativas visionárias e hermesianas.

Bibliografia básica

BENJAMIM, Walter. "O Narrador- Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOM MEIHY, José C. Sebe. (re)introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Marieta M.(org.) Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1994.

GOSWAMI, Amit. A física da alma. São Paulo: Aleph, 2005

GROF, Stanislav. A mente holotrópica. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE SHAN, Lawrence. O médium, o místico e o físico. São Paulo: Summus, 1994.

MARQUES, Adilson. História Oral, Transcendentalismo e Imaginário: mitocrítica dos ensinamentos do espírito Pai Joaquim de Aruanda. [online] disponível na internet. URL: <http://www.scribd.com/doc/24571893/Historia-Oral-Imaginario-e-Transcendentalismo-mitocritica-dos-ensinamentos-do-espírito-Pai-Joaquim-de-Aruanda>. Livro disponibilizado em 28/12/2009.

MONTENEGRO, Antonio T. História Oral e Memória. São Paulo: Contexto, 1994.